

**Processos, metodologias, linguagens artísticas e contemporaneidade**

*Ana Maria Dietrich, Daniele da Silva Benicio, Djalma Thurler, Kátia Peixoto dos Santos, Lucia Helena da Silva Joviano*  
*Organizadores edição 13*  
*Contemporâneos-Revista de Artes e Humanidades*

1



É na passagem da modernidade para a nossa atualidade pós-moderna que podemos perceber mais amiúde todos os matizes produtores de “mal-estar” a que estamos submetidos no nosso cotidiano (Bauman, 1998). A sociedade líquida, que alguns teóricos denominam de pós-modernidade, modernidade tardia, hiper ou neo-modernidade é multifacetada, complexa e polêmica.

Se nos voltarmos à perspectiva do processo criativo deste período, percebemos a amplitude das ferramentas e suportes na construção da materialidade da obra, desde vídeos, fotografias até novas tecnologias. Essas linguagens mais híbridas borram o núcleo duro das artes cênicas, visuais e musicais. Com isso os processos de criação tornam-se mestiçagens lingüísticas de difíceis definições, principalmente do ponto de vista estético. Ao mesmo tempo, o conceito de obra aberta (Eco: 2013), preconizado por Eco já em 1962, discute a tendência de diluição ou complementaridade das obras à medida que elas se inter-relacionam com o público, possibilitando torná-lo co-autor.

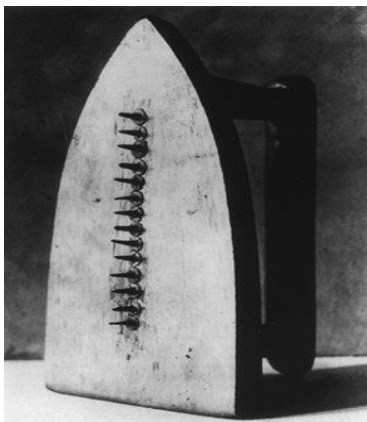
Pensando que a arte é criação a partir da fricção e da vivência do artista com o cenário social, político, econômico, filosófico em que está inserido, em meio à pluralidade de posturas, ideias e fatos, próprios da contemporaneidade, refletimos nesse número, sobre a(o) artista e a arte e, assim, como algumas questões aparecem nas estéticas contemporâneas; como os pensamentos atuais refletem (des)metodologias e interferem no processo de criação e de fruição artística.

Uma importante reflexão sobre a linguagem artística corporal inaugura o dossiê. No artigo *Em direção ao vermelho*, as autoras *Maria Candida Varone de Moraes Capecchi*, doutora em Educação pela USP-SP com especialização em Corpo: dança, teatro e performance, e *Ana Goldenstein Carvalhaes* doutoranda pelo Núcleo da Subjetividade, PUC-SP, discutem o processo desenvolvido em direção à construção de uma dramaturgia com caráter autobiográfico, inspirada na história de vida de sua autora, a partir de suas representações sobre a severidade, melancolia e poesia de seu pai, emigrado português.

A contribuição da doutoranda em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, *Fernanda Albuquerque de Almeida*, traz o termo *machinima* para discussão, utilizado desde meados de 2000 para se referir à apropriação da tecnologia de jogos digitais para criação fílmica, assim como às obras resultantes em *Filmes e jogos*

clássico. Tal processo também é considerado um meio de produção audiovisual alternativo ao cinema e à animação. Almeida nos explica a possibilidade de produzir boas narrativas em machinima, sem utilizar necessariamente as convenções desse cinema, a partir da análise de três casos: *Dear Fairy*, de Tom Jantol; *Lost in Counting*, de Saskia Boddeke; e *Unheimliche*, de Olivier Delbos, Pierre Gaudillere, Audrey Le Roi, Jonathan Mutton e Thomas Van Lissum.

No artigo *A imagem poética no videoclipe Family – Moving Album Cover de Huang/Björk: relações semióticas e intertextuais*, Kauan Negri, mestre em Literatura Comparada na UFRS e Pablo Sotomayor, músico, diretor de arte e graduando em Comunicação Digital pela Universidade Unisinos, buscam destacar e analisar a imagem poética do videoclipe *Family* de Andrew Thomas Huang, no qual se destaca a substituição da estaticidade das capas dos álbuns tradicionais por uma sequência de imagens que define sua identidade a partir de uma complexa rede intertextual de signos que compõe o vocabulário semiótico de Björk nos videoclipes *Jóga*, *Unravel*, *Cocoon* e *Pagan Poetry*.



Ainda no campo cinematográfico, Alex Rodrigo Medrado Araújo, mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da UFG, no seu trabalho *A poética dos movimentos artístico Dadá e Dogma95 em uma trama de conceitos: O olhar educado na cultura visual*, trata da construção do conceito do olhar educado nos (des)caminhos da cultura visual, enquanto epistemologia, a partir das estéticas do dadaísmo no movimento cinematográfico Dogma95.

Trazemos também uma contribuição internacional de Helena Ferreira, artista, doutoranda em Belas Artes e bolsista da FCT na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa com o artigo *Dialética intercultural e jogos de poder no discurso artístico de Ângela Ferreira* promovendo uma reflexão plural acerca das representações artísticas imbuídos nas produções da artista.

Já a instalação censurada “Peinture/Sulpture”, trabalho in situ, realizada por Daniel Buren em 1971, no Museu Guggenheim, em Nova Iorque é contemplada no estudo feito por Tiago Machado de Jesus, doutor em História pelo Programa de Pós-

*trabalho in situ de Daniel Buren e as sanções no museu.* O autor discute como o artista e se relacionou com o espaço expositivo especializado das artes plásticas tal como materializado nos sistemas dos museus e galerias.

Ainda como parte desse número, o leitor encontrará quatro entrevistas e duas resenhas. A *Seção Entrevistas*, coordenada e organizada pela Doutora Lucia Helena Joviano (UFJF-MG) contém três contribuições. A primeira, realizada por Ana Paula Gomes Nunes, pós-graduada em Mídia, Informação e Cultura pela USP, nos apresenta as mudanças nas formas de expressão com o advindo da Internet e para tanto, contou com a entrevista a doutora em cinema Katia Peixoto dos Santos que relatou, através de sua perspectiva, como esse novo cenário afeta a arte e a forma de se fazer arte.

A colaboração da mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências e da Matemática Soraia Oliveira da Costa e da Dra. Ana Maria Dietrich, ambas da UFABC, foi a entrevista com Raphael Matinelli, ferroviário e militante político desde os 16 anos, perseguido e torturado pela ditadura e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Sua narrativa é uma primorosa contribuição para história da Vila de Paranapiacaba (Santo André-SP, proporcionando também conhecimento sobre a rotina de trabalhadora na época que os ingleses comandavam os trilhos de São Paulo e sobre a mudança nesse cenário durante a gestão federal. O ex-ferroviário empreende um mergulho na história política brasileira proporcionado sob a perspectiva de sua fervorosa militância.

Ainda na *Seção de entrevistas*, a contribuição da Márcia Nunes Maciel (USP-SP) discorre sobre as intervenções feitas no rio Madeira por meio da implantação do Complexo Hidrelétrico do Madeira pertencente ao projeto chamado de Iniciativa para a Integração da Infra-Estrutura Regional(IIRSA) que resultaram, dentre outros problemas, em enchentes provocadas pelas hidrelétricas. Márcia apresenta entrevista com moradores da comunidade de Nazaré, região afetada pelas enchentes, Manel Benigno e Maria das Dores Maciel, casal de pequenos comerciantes da região e, Artemis Ávila Ribeiro, professor



aposentado. E também com o diretor do projeto

Minhas Raízes, projeto de fortalecimento cultural da comunidade, Tim Maia Nunes.

A resenha dos autores Jailson Moreira dos Santos, mestrando em Antropologia Social pela USP-SP, e Daniel Pansarelli, professor e Pró-reitor de Extensão e Cultura na UFABC-SP, analisam o sentimento da angústia nas obras de *Heidegger*, *Saramago* e *Graciliano Ramos*. Já Rafael Willian Clemente, mestrando em Ciências Sociais na UFRRJ, e Regina de Paula Medeiros docente de Pós-Graduação em Ciências Sociais na PUC-MG, analisam a adaptação cinematográfica *Anna Karenina* (2012), baseado na obra de Liev Tolstói, tratando de sua luta social.

Há ainda quatro textos na Seção Artigos Independentes, abordando diferentes temáticas. O artigo *A tipificação como dimensão metodológica em Análise de Discurso: Reversibilidade e a Polissemia no discurso do Currículo Paulista*, de autoria de Karen Christina Dias da Fonseca Cilla, Graduada em Ciências Sociais e Geografia, mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências e da Matemática pela UFABC e Lucio Campos Costa, doutor em Física e docente na UFABC, exploram a dimensão metodológica no estudo dos discursos envolvendo a proposta curricular do estado de São Paulo, a partir da análise dos documentos oficiais da Secretaria de Estado da Educação.



Quanto à história oral e ao patrimônio cultural, Suzana Kleeb, doutoranda em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC (SP), vem por meio do artigo *Construção da memória em Santo André: diálogos possíveis*, refletir sobre quais condicionantes levam à

construção da memória local, qual o diálogo existente entre os diversos agentes sociais com esse tema e qual o resultado encontrado na atualidade.

Já no artigo *Rastros de Joana d'Arc na literatura e no teatro brasileiro*, os autores Helciclever Barros da Silva Vitoriano, doutorando em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília, Anarcisa de Freitas Nascimento, especialista em Linguística



Aplicada pela Faculdade da Terra de Brasília

(FTB) e, Sildemar Alves da Silva Kunz, mestre em Geografia pela Universidade de Brasília, verificam se houve e como se deu uma possível presença intertextual da figura mítico-histórica de Joana d'Arc na literatura e no teatro brasileiro.

Para complementar esta seção de artigos independentes, o doutorando no Programa de Pós-Graduação em História pela PUC-RS, Guilherme Ignácio Franco de Andrade, escreve sobre o grupo Valhalla 88. Em *Valhalla 88: O nacional socialismo brasileiro e sua ideologia política* investigam-se as questões raciais presentes na ideologia nacional socialista professada e difundida para tornar o Nacional Socialismo acessível a todas as pessoas.

Espera-se que a volúpia e o prazer da arte e dos processos artísticos inspirem os leitores dessa revista como também as reflexões humanísticas em suas múltiplas abordagens como inspirou a nossa equipe com tais ricas contribuições que compõem esse número da revista.